



## Dados cinéticos

### “Deuses”, de Augusto de Campos

Maíra Borges Wiese\*

“Deuses” é um dos dois novos poemas cinéticos do poeta Augusto de Campos (o outro se chama “Pó”) publicados na revista online *Errática* em 2013. Ele se insere no grupo de poemas que sinaliza certo “afastamento”, pelo poeta, da página impressa e a exploração de uma nova ferramenta e interface: os recursos computacionais de animação e a tela eletrônica, que possibilitam a mobilidade de caracteres. Desse afastamento – talvez uma saída para o *poema*, tal como propõe o seu “Sem saída” (2003) – surgiram os primeiros “clip-poemas”, publicados em CD-Rom, este integrado ao livro *Não* (2003). Especialmente a partir daqui, Augusto passa a desenvolver uma série de outras obras cinéticas, sejam remediações para a forma animada de seus poemas impressos<sup>1</sup> ou poemas que já surgem como animação.<sup>2</sup>

Entretanto, a forma visual de “Deuses” ainda lembra a estrutura de vários poemas concretos do autor, como os presentes nas

\* Mestre em Estudos Literários e Culturais pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

1 Alguns exemplos estão disponíveis em seu site: <http://www2.uol.com.br/augustodecampos/poemas.htm>.

2 São exemplos os “TVGRAMA 3”, “TVGRAMA” e “Chance Words”, disponíveis na revista *Errática* ([www.erratica.com.br](http://www.erratica.com.br)).

séries *Despoesia* (1998), *Ovonovelo* (1955) e *Stelegrama* (1975-1978). As letras brancas sobre a tela negra (ou o contrário, como no poema “Pó”) e dispostas em um bloco quadrangular nos mostram que Augusto de Campos ainda se mantém próximo à poesia concreta e à página impressa. Por outro lado, a animação e o aspecto sonoro, que se juntam à palavra e à tipografia, indicam que o poeta também está atento à organização dos objetos contemporâneos: estes tendem à multimodalidade e à publicação na Web – recursos que Augusto utiliza nesse novo poema.

## Deuses

“Deuses doam dados doados deuses doem”.

Augusto de Campos

“Deuses não jogam dados”.

Albert Einstein

“Os deuses vendem quando dão”.

Fernando Pessoa

As letras imitam dados; a animação imita o jogo de dados que se espalham em um tabuleiro. Posteriormente as palavras se agrupam para formar, por fim, a frase do poema (“Deuses doam dados doados deuses doem”). Conforme mencionado acima, “Deuses” mantém a estrutura principal da poesia concreta, mas aproveita alguns recursos da plataforma multimídia, no intuito de atingir o máximo de verbivocovisualidade: a tipografia atua semanticamente (o desenho das letras imita os pontos dos dados);

a organização espacial é explorada através da animação, que simula um jogo de dados; a aliteração (em “d”, “a”, “o” e “e”); e o barulho do mexer e jogar dos dados, tal qual sonoplastia.

O aspecto sonoro do poema indica que a palavra “dados” está atrelada ao objeto-cubo de seis lados, geralmente utilizado em “jogos de azar”. Mas não só o aspecto sonoro. Há, além deste, insistentes indicativos que remetem ao objeto e ao número a ele atrelado: há seis palavras no poema; estas são compostas por apenas seis tipos de letras (“a”, “d”, “e”, “m”, “o”, “s”); a animação exclui, quando do lance de cada letra no quadro negro, dois dos oito “d” (jogam-se, então, seis “d”).<sup>3</sup> O “seis”, sabemos, é um número que simboliza o acaso. “Seis” é também a quantidade de dias da construção do “mundo” (no Velho Testamento, o “Hexaemeron” – “seis” + “dias”).<sup>4</sup> Temos, aqui, uma breve junção de “deuses” e “dados”.

Mas voltemos ao sentido da palavra que remete ao objeto em questão. Quem joga “dados” joga com o acaso, não com previsão, com certezas. Stéphane Mallarmé, em seu poema reverenciado pelos poetas concretos, propõe: “Um lance de dados jamais abolirá o acaso”. Há, aqui, duas forças distintas, contraditórias, a do “lançar” (projetar) e a do “aleatório”, com as quais lidamos continuamente: estabelecemos uma sequência de planos, de ações, e buscamos realizá-la; mas, ao mesmo tempo, sabemos do imprevisível, da impossibilidade de controle – afinal, não somos “deuses”.

3 Lembro-me de um verso de João Cabral de Melo Neto: “Jogam-se os grãos na água do alquidar”. Os “g” como grãos na água, tal qual os “d” como dados.

4 Sobre isto, há um trabalho do poeta e designer André Vallias que é oportuno. O trabalho se chama, apropriadamente, “Hexaemeron”. Trata-se de um poema digital que discute a criação e o acaso, e explora os recursos da permutação e da aleatoriedade (comuns aos poemas digitais mais recentes).

Esse “jogo” com o acaso não é mais incomum no âmbito da arte. John Cage, em 4’33”, não sabia o que viria do público; muitas performances consistem na imprevisibilidade das intervenções; outros incorporam o que vem do acaso na obra pensada, como E. M. de Melo e Castro no livro *Quatro cantos do caos*<sup>5</sup> etc. Mas uma obra parte essencialmente de um *projeto*; e todo *projeto* é uma tentativa humana de dominar a desordem do *acaso*.

São os deuses, assim pensamos, os nossos projetores de destino. No poema de Augusto de Campos, entretanto, eles surgem de maneira incomum. Parece haver um erro, uma contradição na associação da palavra “deuses” e “dados”. Deuses não podem doar “acaso”.

Para ilustrar melhor essa afirmação, a frase de Einstein (“Deuses não jogam dados”) nos ajuda. Ele a pronuncia com a intenção de rebater o Princípio da Incerteza de Heisenberg, que mostrava, na mecânica quântica, que era impossível determinar a posição e a velocidade exatas de um elétron etc. Einstein não aceitava essa indeterminação, porque, para ele, Deus havia organizado o universo de um modo perfeito, harmônico, e que caberia à Física descobrir as “suas fórmulas”. Por acreditar nisso, Einstein, que não se considerava ateu, pronunciou sua frase célebre: “Não tenho fé para ser ateu, pois Deus não joga dados”. Não se referia a um Deus judaico-cristão, um Deus que determinava destinos humanos, mas a um Deus que havia estruturado o mundo de modo perfeito e ordenado, e que, por tal razão, os elementos

<sup>5</sup> Sobre esta informação, ver a seguinte entrevista: [http://www.youtube.com/watch?v=VQI7\\_sFAerw#t=388](http://www.youtube.com/watch?v=VQI7_sFAerw#t=388).

da natureza não deveriam se mover de modo imprevisível. Mas se não se movem de modo imprevisível, então podemos determiná-lo (o que Einstein buscou provar nos seus debates com Bohr durante alguns congressos).

O sentido de “deuses doam dados” remete ainda às referências bíblicas sobre o livre-arbítrio (exemplo: “E o Senhor Deus ordenou ao homem: ‘Coma livremente de qualquer árvore do jardim’”, Gênesis 2:16). Soam a algo como: o vosso destino está traçado, mas lhes dou o livre-arbítrio para escolher um caminho dentre inúmeros. Se existem caminhos e os homens não sabem a que leva cada um, existe, desse modo, a força do imprevisível.

O que significaria, então, “deuses doam dados”? Apesar de “dados” representar a imprevisibilidade, representa, antes, a existência de probabilidades. Esta é justamente a origem etimológica da palavra “acaso”: no latim, *a caso*, onde *caso* significa “possibilidade”, “acontecimento”, “acidente” etc., derivando de *cadere*, “cair” (“jogo o dado e cai o acaso”). Um “dado” nos dá um número de possibilidades que pode ser medido; mas é impossível prever que variação específica irá ocorrer (cair). Em outras palavras: apesar da impossibilidade de determinar o que virá, sabemos da existência de possibilidades, de um número mais ou menos determinável de caminhos; temos livre-arbítrio; temos o poder de escolher, de projetar, de planejar, de “lançar” um dado, mesmo que isto não venha a abolir o acaso.

Se os deuses nos doaram dados, nos doaram possibilidades, escolha, livre-arbítrio; e, diferentemente do verso de Fernando Pessoa em *Mensagem*, que acentua a necessidade de sacrifícios para o alcance das graças – “Os deuses vendem quando dão/ Compra-se a glória com desgraça” –, os deuses de Augusto parecem não pedir

nada em troca (“dados doados doem”). O que faz, então, os deuses doerem? Não estão felizes com as escolhas feitas pelos homens?

Há muitas razões para dizermos que não: não estão felizes.<sup>6</sup>

6 Se pensarmos no conjunto da poética de Augusto de Campos, não seria incomum se observássemos um questionamento metapoético em “Deuses”. Não foi este, entretanto, o caminho interpretativo deste texto. Mas a título de proposição: no poema cinético “Pó”, que acompanha “Deuses” na revista *Errática*, Augusto escreve: “És pó só pó/ se és pó sê/ esse pó/ poesia/ .” O poema termina com um ponto, simbolizando um grão de areia, ou um pixel. Campos parece propor que a poesia deve voltar à sua origem (“és pó e ao pó retornarás”); talvez deva voltar a ser forma (a principal proposição dos concretos). Esses dois poemas revelariam um descontentamento do autor com a produção poética contemporânea?